

APONTAMENTOS DO COLÉGIO JESUÍTA DA BAHIA E CONTEXTOS SOCIOCULTURAIS DO ENTORNO REGIONAL EM CARTAS "ÂNUAS" DO PERÍODO COLONIAL

NOTES FROM THE JESUIT COLLEGE OF BAHIA AND SOCILCULTURAL CONTEXTS OF THE REGIONAL ENVIRONMENT IN "ÂNUAS" LETTERS FROM THE COLONIAL PERIOD

Jaci Maria Ferraz de Menezes¹
Lívia Maria Góes de Britto²
Edna Pinheiro Santos³

Resumo

O presente artigo apresenta apontamentos da implantação e implementação do Ícone Colégio Jesuíta da Bahia, em Salvador, a partir de recortes temporais de contextos histórico-cultural registrado em cartas escritas por jesuítas em duas de suas missões brasileiras, mas em uma perspectiva dialeticamente ampliada por contribuições de teóricos que se propõem a estudar a Companhia de Jesus ao longo da sua permanência no Brasil colônia de Portugal.

Palavras Chaves: Colégio Jesuíta da Bahia. Cartas Ânuaas. Brasil Colônia.

Abstract

This article presents notes of the implementation and implementation of the Jesuit College Icon of Bahia, in Salvador, from time-to-date clippings of historical-cultural contexts recorded in letters written by Jesuits in two of their Brazilian missions, but in a perspective dialectically expanded by contributions from theorists who propose to study the Society of Jesus throughout their stay in Brazil colony of Portugal.

Key Words: Jesuit College Icon of Bahia. letters "Ânuas". Brazil colony.

Introdução

Com recorte temporal e com início associado à conquista turca de Constantinopla, em 1453, e termino na Revolução Francesa, em 1789, a Idade Moderna aporta três grandes marcos históricos: a criação do mercado mundial de troca de mercadorias resultante das grandes navegações, o processo de formação dos Estados nacionais e a reforma protestante. Nesse período, ao contrário do que ocorreu na Idade Média e na qual a Igreja Católica foi a grande detentora do domínio do conhecimento, o que possibilitou-lhe acumular grandes riquezas, ocorreram grandes mudanças na forma como o mundo passou a ser percebido. É um período de descobertas e de mudanças social, econômica e religiosa, mudando, portanto,

como consequência o modo como as pessoas passam a visualizar a Igreja e como os Estados passam a perceber a autoridade papal. “A imbricação que ocorreu entre o comércio em escala planetária, o primado das línguas vernáculas sobre o latim e a cisão no seio da cristandade mergulhou a Igreja Católica, autoridade supranacional da sociedade medieval, numa profunda crise espiritual” (FERREIRA Jr, 2007, p. 9).

A Reforma Protestante liderada por Martinho Lutero contra a igreja católica questiona a figura da santidade papal, não apoia o uso das indulgências pregadas pela Igreja, entre outros princípios até então não questionados. Na perspectiva analítica de Lutero, esta, bem como outras práticas adotadas pela igreja Católica, só servia para oprimir o povo e não traziam crescimento espiritual. Essa reforma fez um grande sucesso na Europa do período e, em muitos casos, uma forma de muitos governos demonstrarem descontentamento em relação aos interesses religiosos.

Como resposta à reforma, um movimento da Igreja Católica denominado de Contrarreforma, foi iniciado com o objetivo de conter o avanço da reforma religiosa proposta por Lutero. A Contrarreforma iniciou-se a partir do Concílio de Trento (1545-1563) convocado pelo Papa Paulo III.

[...] o papismo não tardou em formular uma resposta global para o mundo que começava a ficar de “cabeça para baixo” e a contestação da Igreja Católica ao mundo burguês veio na forma do Concílio de Trento (1545-1563). Assim, munida pelos decretos e diplomas tridentinos, que consubstanciaram a sua dogmática cristã, a igreja romana atravessou os séculos seguintes, a era das revoluções, lutando contra as transformações produzidas pelos novos protagonistas gerados pela sociedade. (FERREIRA Jr, 2007, p.9).

O Concílio conseguiu resgatar a hegemonia católica na Europa, mas não conseguiu apagar a influência da reforma de Lutero. E esta acabou por originar diversas correntes religiosas, que apesar de seguirem o cristianismo, tornam-se independentes da religião Católica.

Cabe destacar que, nesse contexto, o resgate da hegemonia católica no período encontra-se associada às missões jesuíticas pelo mundo. (MAIA, 1992)

Fundada em 1540, a Companhia de Jesus, ordem religiosa que passa a aglutinar um grande número de *combatentes católicos reconhecidos* como jesuítas

centraliza a Pedagogia como principal estratégia de ação para fazer frente ao crescente movimento protestante. E para tanto, seus membros ultrapassam as fronteiras da Europa e ganham o Novo Mundo.

A Ordem tinha como objetivo maior o despertar nos jovens que frequentassem os colégios que iam sendo criados, a necessidade da propagação dos princípios estabelecidos no Concílio de Trento e, desta forma, estabelecer as condições para replicá-los no seio das sociedades. E é focado nesse objetivo, que passa a materializar as primeiras associações, com tal finalidade, e que são as embrionárias do que, posteriormente, se consolidam como sendo Congregações Marianas ligadas aos seus colégios.

Portanto,

[...] a Companhia de Jesus surgiu nesse contexto histórico engendrado a partir do século 16. Canonizada pelo Papa Paulo III, por meio da Bula Regimini Militantis Ecclesiae (1540), a Ordem religiosa criada por Inácio de Loyola nasceu para apostolar no mundo secular com três objetivos muito bem definidos: defender o Papa, reconverter os cristãos, particularmente os reformados, e evangelizar os chamados "povos bárbaros" que habitavam os outros continentes. Foi assim, movidos por esses princípios militantes, que os padres jesuítas desembarcaram no mundo colonial ibérico. [...] Mas, durante o tempo em que permaneceram nas colônias ibéricas, os padres inicianos executaram duas missões que estavam organicamente relacionadas entre si: de um lado, processaram a evangelização dos ditos "gentios", em regra, por meio de ações violentas físicas e simbólicas; e, por outro, chancelaram os modelos colonizadores levados a cabo por portugueses e espanhóis, isto é, participaram ativamente do sistema econômico estruturado com base na grande plantação (latifúndio, agropecuária e trabalho escravo). Entretanto, a evangelização jesuítica produziu os seus frutos religiosos e culturais, já que o imenso território latino-americano, do México à Patagônia, professa hoje a fé católica apostólica romana, de forma quase hegemônica, graças à missão evangelizadora empreendida pela Companhia de Jesus e as outras ordens religiosas. (FERREIRA Jr., 2007, p.9-10).

O registro da primeira associação religiosa católica no mundo agregando jovens data de 1563 quando é fundada, em Roma, por iniciativa do jesuíta belga Jean Leunis, uma organização religiosa para incentivar a devoção à Virgem Maria como forma de cultivar elementos católicos que conseguissem evangelizar os infiéis.

A imagem de uma santa que além de mãe de Deus seria mãe de todos, funcionaria como elo entre o humano e o sagrado. Vinte anos após, em 1583, uma primeira associação com tais características é criada no Brasil e instalada no Colégio dos Jesuítas da Bahia, sob a responsabilidade do Pe. José de Anchieta. Como o objetivo maior da Companhia de Jesus, à época, era barrar o avanço do protestantismo no mundo, esta associação, também, mantinha o foco central na catequização dos índios e, para tanto, seus membros tinham que transmitir-lhes a língua portuguesa, os costumes europeus e a religião católica (MAIA, 1992).

Cabe ressaltar que os colégios, desde a Idade Média, foram constituídos para desempenhar papel estratégico na “formação dos quadros intelectuais, religiosos e civis, que propagariam o cristianismo” (FERREIRA Jr; BITTAR, 2012, p. 693). Para os autores, “os colégios eram verdadeiros lócus irradiadores da tradição humanística greco-romana cristianizada pela Igreja católica” (FERREIRA Jr; BITTAR, 2012, p. 693). E com o objetivo de uniformizar procedimentos que garantissem esse papel, a Companhia de Jesus, sob a coordenação de Loyola elabora, ao longo de cinquenta anos – 1551 a 1599, o “*Ratio studiorum*”, um plano de estudo único centralizador de decisões que visam obedecer a uma única diretriz filosófica. Este, após sua finalização, passa a ser o documento orientador obrigatório de todos os colégios jesuítas existentes ou que venham a existir nos diferentes continentes.

Cabe destacar que por volta de 1534 as terras do Brasil começaram a ser ocupadas, permitindo posse efetiva e exploração dos seus recursos naturais. Essa iniciativa tentava evitar as investidas, de outros países, principalmente da França, de apoderar-se das riquezas das novas terras. Portanto, repetindo a experiência de outras colônias portuguesas, D. João III, rei de Portugal, no período, passou a assinar as primeiras cartas de doação das Capitanias Hereditárias. No território correspondente ao, hoje, estado da Bahia localizaram-se cinco dessas capitanias assim denominadas: Bahia; Porto Seguro; Ilhéus; Paraguaçu ou Recôncavo; Ilhas de Itaparica e Tamarandiva (LEITE, 1937).

O Brasil permaneceu nessa situação de ser administrado à distância e, portanto, não havendo no país um cargo específico para o controle político das terras brasileiras, por aproximadamente cinquenta anos até que em 1549 foi, finalmente,

criado o Governo-geral com a chegada de Tomé de Souza, primeiro representante da Coroa Portuguesa, e a construção da localidade denominada de São Salvador, sede do Governo.

Os primeiros jesuítas chegaram ao Brasil na mesma expedição deste primeiro governador e conseguiram aqui permanecer, por um longo período, até serem expulsos, em 1760, pelo marquês de Pombal, primeiro-ministro do rei D. José I, que confiscou os bens da ordem alegando conspiração contra o reino português. Em sendo assim, destaca-se que a Companhia de Jesus exerceu uma hegemonia educacional, em terras brasileiras de 210 anos e que, portanto, falar das primeiras escolas no Brasil, como escreveu Serafim Leite, é “evocar a epopeia dos jesuítas do séc. XVI” (LEITE, 1937, p. 38).

Cabe ressaltar que enquanto fundavam a cidade de São Salvador, a missão destes jesuítas e chefiada pelo Pe. Manuel da Nóbrega, quinze dias após a chegada, colocou em funcionamento uma escola de ler e escrever e cujo o primeiro mestre foi o Ir. Vicente Rodrigues. Portanto, a base de todo o sistema colonial de ensino, ainda em formação, germinou de escolas elementares que,

[...] funcionavam não só nos colégios, mas em todas as terras onde existisse uma casa da Companhia. Lá aprendiam a ler, escrever, contar e falar Português não só os filhos dos índios. Recebiam a primeira instrução, também, os filhos dos colonos. Segundo o Padre Anchieta aprendiam não só a ler, escrever, contar e falar em Português. Eles também aprendiam a dançar à portuguesa, a cantar e a ter seu coro de canto e flauta para as suas festas. (THEOBALDO, 2008, p.32).

Como ainda não havia uma orientação geral da Companhia disciplinando as ações educativas, pois a Ordem só tinha quinze anos de criada, o caráter de improvisação e de certa forma inovação, marcou a ação pedagógica jesuítica no Brasil até o final do século XVI, na medida em que as condições concretas encontradas no país demandaram ajustes aos preceitos educacionais professados pela Companhia até então.

Assim, toda a ação educacional do período que analisamos [...]

anterior ao *Ratio*, [...] nos leva a afirmar que ela foi uma espécie de "invenção" de Anchieta e seus companheiros, uma vez que transcorreu sem qualquer normalização a priori. Pelo contrário, a sua particularidade consiste em ter sido muito mais uma experiência nascida do ambiente e das condições históricas dadas do que de uma fidelidade absoluta aos preceitos emanados da Contra-Reforma, especialmente se levarmos em conta um fator extremamente importante que foi o isolamento quase total em que viveram os jesuítas do primeiro século no Brasil. (FERREIRA Jr; BITTAR, 2004, p.173).

O conjunto de "invenções" e improvisações praticadas nesse período anterior ao *Ratio studiorum* é denominado de Pedagogia Brasílica.

A preocupação básica nos séculos XVI e XVII, além de formar uma elite culta e religiosa, era a difusão da Língua Portuguesa. Para tanto, os padres utilizavam-se da influência dos meninos brancos, órfãos ou filhos de colonos, sobre os meninos índios, postos em contato nos mesmos colégios. Além disso, os meninos que aprendiam com os padres, percorriam as aldeias e passavam os ensinamentos recebidos aos pais, na própria língua.

Ainda segundo Theobaldo (2008), com essas escolas, fixas ou ambulantes, nas aldeias e sertões, inicia-se no Brasil uma unificação de uma educação literária popular de cunho religioso, ou seja, um poderoso instrumento de penetração que se soma às aulas de gramáticas mantidas em todos os colégios. E complementa:

Todos aprendiam o Português. E essas crianças, órfãs trazidas de Lisboa, também contribuíram para a difusão e estímulo dos pequeninos índios à instrução. Os padres desde o séc. XVI aprenderam a língua dos índios, não só para instruir, mas também para conquistar através dela com mais facilidade os selvagens à sua fé, e às suas ideias religiosas e sociais. Elementos da cultura europeia foram penetrando a cultura indígena. (THEOBALDO, 2008, p.33).

Cabe destacar que as ações dos jesuítas na colônia foram projetadas e acordadas nas esferas religiosas e política, conforme a acepção de poder e domínio da época, mas como "as questões doutrinárias não podiam ser exclusivamente políticas; eram, antes de mais nada, problemas de consciência, pois o *homo politicus* em estado de pureza não existia. [...] as idéias políticas e crenças mesclavam-se. O

laicismo político é coisa dos nossos dias.” (FRANÇA, 1997, p. 264 apud RIBEIRO, 2009, p.322).

1. O Colégio e contexto sociocultural regional nas narrativas das cartas de duas missões

A vinda dos primeiros jesuítas para o Brasil deu-se, como mencionado, na mesma embarcação que trouxe o primeiro governador e sua comitiva. Nessa viagem, além do Pe. Nóbrega vieram três outros padres: Leonardo Nunes; João de Aspícueta Navarro; Antônio Pires, e dois Irmãos: Vicente Rodrigues e Diogo Jacome. Estes desembarcaram na Bahia em 29 de março de 1549, depois de oito semanas de viagem. Já nos primeiros dias, os jesuítas solicitaram ao governador a demarcação de uma área para se instalarem, o que lhes foi logo concedido e já com a permissão de construir uma igreja e um colégio. A ampla área cedida, com muito espaço para instalar horta e pomar, localizava-se junto ao muro da recente criada localidade de São Salvador e próxima de uma aldeia indígena.

Portanto, esse é o pano de fundo principal e referência para os cenários que serão destacados das cartas utilizadas como documentos de pesquisa do estudo em tela e que tem como recorte temporal duas missões jesuíticas e o processo de implantação e implementação desse grande empreendimento educacional do período, ou seja, o Colégio dos Jesuítas da Bahia.

Em terras brasileiras, no meio de uma pregação e outra, esses jesuítas escreviam cartas aos superiores e irmãos na Europa. Cartas nomeadas de "*Ánuas ou Edificantes*" e que alimentavam uma rede de comunicação que não apenas planeja a ação catequética como um todo, como devolve e divulgava os bons resultados. Cabe ressaltar, que as primeiras experiências pedagógicas e entre estas as desenvolvidas no Brasil, serviram de subsídios para a construção do *Ratio Studiorum*. Cabe ressaltar, entretanto, que o sistema de envio de cartas via caravelas era muito lento, a ponto de dar tempo para a escrita de cartas complementares, antes mesmo do envio da primeira, devido por exemplo, há questões ambientais que impedissem a partida da embarcação na data escolhida, o que pode ter contribuído para que a versão final do

Ratio Studiorum tenha levado cinquenta anos para ficar pronta, ou seja, mesmo não tendo a velocidade disponibilizada pelos aplicativos da Internet, para o trabalho em rede, que tem a vantagem de ser um meio de comunicação instantâneo caso as pessoas assim os alimentem, os jesuítas montaram e mantiveram essa rede de comunicação por cartas em funcionamento por aproximadamente quatro séculos o que, sem dúvida, demonstra que o sistema funcionava e que garantia uma comunicação satisfatória, mesmo com alguns extravios, entre os membros da Companhia de Jesus e que, muito provavelmente, contribuiu para a rápida expansão da Ordem para regiões equidistantes em diferentes continentes.

Cabe destacar que nas cartas os jesuítas escreviam informações importantes como a do padre Manuel da Nóbrega relatando, de forma breve, ao seu superior, Simão Rodrigues de Azevedo, a chegada à Capitania da Bahia e o início das atividades desenvolvidas na Colônia. Em carta datada de 15 de abril de 1549 endereçada e posteriormente complementada, enviada ao Pe. Simão Rodrigues o padre anuncia ao seu superior, que uma das primeiras providências tomadas pelos membros da missão ao chegar à Bahia foi instalar uma escola de ler e escrever, na qual o Irmão Vicente Rodrigues ensinava a doutrina e desenvolvia atividades introdutórias de leitura e escrita, bem como a referência ao canto e atividades festivas como pode ser observado no trecho da carta que se segue:

[...] tivemos missa cantada [...]. Leonardo Nunes e outro clérigo com leigos de boas vozes regiam o côro. Fizemos procissão com grande música, a que respondiam as trombetas. Ficaram os Índios espantados de tal maneira, que depois pediam ao padre Navarro que lhes cantasse como na procissão fazia. Outra procissão se fez dia de Corpus Christi-13 de junho-mui solemne, em que jogou toda artilharia, que tava na cerca, as ruas muito enramadas, houve danças e invenções á maneira de Portugal. (Carta do Pe. Nóbrega, 1549).

O próprio Nóbrega relata: “O irmão Vicente Rijo ensina a doutrina aos meninos cada dia e também tem escola de ler e escrever; parece-me bom modo este para trazer os índios desta terra [...]” (Carta do Pe. Nobrega, 1549). Esta colocação confirma que este foi o ponto de partida de um plano de ação que inicialmente enfrentou algumas dificuldades, mas que acabou se desenvolvendo muito. Em 1558,

existiam escolas em todas as aldeias. A da Capitania do Espírito Santo, hoje região de Abrantes, chegou a ter duzentos jovens frequentando conforme poderá ser constatado ao longo do texto.

Mesmo contando, nas ações iniciais, com o apoio do governador Thomé de Souza, algumas experiências missionárias fracassaram. E o principal, mas não único motivo foi a mobilidade geográfica das tribos indígenas, ou seja, "os grupos litorâneos realizavam migrações periódicas buscando a ocupação de áreas consideradas mais férteis e ricas de recursos, quebrando a rotina de catequese" (SANTOS, 2007.p 110).

Para superar tal dificuldade, o padre Manoel da Nóbrega elabora um plano de catequese no qual propõe reunir a população de diferentes povoados nativos, com o auxílio do governador, em aldeamentos, com o objetivo de submetê-los a uma rotina permanente de aprendizado dos ensinamentos cristãos, "por meio de uma experiência de "socialização prolongada", a aldeia tornava-se um grande projeto pedagógico total" (NEVES, 1978, p. 110 apud SANTOS, 2007, p 110).

Portanto, foi com tal perspectiva que objetivamos identificar estratégias que indicassem contextos que garantiram o sucesso do plano de expansão da estrutura educacional dos jesuítas, não só em Salvador como, também, em vilas e aldeamentos, na região do atual território baiano, de forma a localizar a implantação e implementação da estrutura e funções do Colégio Jesuíta da Bahia, localizado em São Salvador, no contexto global. Para tanto, tomamos como referência a ideia de totalidade percebida por Neves⁴,e que balizou a análise de trechos das primeiras cartas de Pe. Manoel da Nóbrega, Antônio Pires, entre outros jesuítas da primeira missão, e as cartas de Fernão Cardim, membro da segunda missão. O intervalo, de cerca de, aproximadamente, trinta anos entre as primeiras cartas e a de Fernão Cardim foi intencional, pois possibilitaria a verificação da permanência de estratégias adotadas, de cunho educativo, bem como a expansão da rede educacional e sua estrutura e, em especial, o Colégio em destaque.

As cartas que foram enviadas pelo Pe. Nóbrega para a Ordem, assim como a de outros membros, são documentos históricos sobre o Brasil, que possibilitam reconstruir a ação jesuítica no início da colonização no século XVI e, portanto,

contribui para a visualização das estratégias utilizadas na nomeada Pedagogia Brasílica.

No trecho da carta de Pe. Nóbrega enviada, em 1551, ao Pe. Simão Rodrigues após cerca de dois anos de sua partida de Portugal, no qual narra alguns dos avanços da ação jesuítica em terras brasileiras, delinea alguns dos objetivos da missão.

Nestas partes, desde que aqui estamos, caríssimos padres e irmãos, se fez muito fruto. Os gentios⁵[índios], que parece que punham sua bem-aventurança em matar seus contrários, comer carne humana e ter muitas mulheres, se vão muito se emendando, e todo o nosso trabalho consiste em apartá-los disso. Porque todo o demais é fácil, pois não tem ídolos, ainda que haja entre eles alguns que se fazem de santos, e lhe prometem saúde e vitória contra seus inimigos. A quantos gentios tenho falado nesta costa, a nenhum causa repugnância o que lhe dizemos, todos querem e desejam ser cristão, mas lhes parece áspero deixar seus costumes; vão contudo pouco a pouco caindo na verdade. Assim os escravos dos cristãos e os próprios cristãos muito se tem emendado, e é certo que as capitâneas que temos visitado andam em tanta diferença do que antes estavam, assim no conhecimento de Deus como em obrar a virtude, que parece uma religião. Fazem-se muitos casamentos entre os gentios, os quais, na Bahia, ficam junto à cidade e têm a sua igreja atrás de uma casa, onde nos recolhemos, e na qual habita agora o padre Navarro. Este determinamos tomar por meio de outros muitos, os quais esperamos com a ajuda do Senhor fazer cristãos. Também procuramos fazer casamentos entre eles e os cristãos. Nosso Senhor se sirva de tudo e nos ajude com sua graça, que trabalhemos para que todos venham ao conhecimento da nossa fé, e para que a ensinemos a todos os que querem ouvir e dela aproveitar-se (Carta do Pe. Nobrega, 1551).

E analisando o próximo trecho da mesma, fica evidente que o objetivo central era “ensinar bem aos moços porque estes bem-ensinados, e acostumados à virtude serão firmes e constantes” (Carta de Pe. Nobrega, 1951). Esta estratégia poderia ser uma resposta a seguinte afirmação do trecho imediatamente anterior “a quantos gentios tenho falado nesta costa, a nenhum causa repugnância o que lhe dizemos, todos querem e desejam ser cristão, mas lhes parece áspero deixar seus costumes” (Carta de Pe. Nobrega, 1951), ou seja, o Pe. Nóbrega acreditava que nos mais moços os ensinamentos seriam mais perenes, sendo assim foca a ação educativa nos

mais jovens sem descuidar dos adultos e para tanto, usa estratégias inovadoras para a época, como comprova o relato que se segue ao destacar os benefícios que a chegada dos órfãos trouxera com seus cantares, pois facilita a interação.

Principalmente pretendemos ensinar bem aos moços porque estes bem ensinados e acostumados à virtude serão firmes e constantes, os quais os pais nos deixam ensinar e folgam com isso. E para tanto nos repartimos pelas capitânicas, e com os línguas [interpretes] que nos acompanham disso nos ocupamos, aprendendo pouco a pouco a língua, para que entremos pelo sertão adentro aonde ainda não chegaram cristãos. (...) em cada uma das capitânicas ordenei fazer casas para recolher e ensinar dos meninos dos gentios e também dos cristãos, e para que nelas recolhamos alguns línguas para esse efeito. Os meninos órfãos, que nos enviaram de Lisboa, com seus cantares atraem a si os filhos dos gentios e edificam muito os cristãos. (Carta Pe. Nobrega, 1551).

Portanto, “[...] uma das primeiras ações no sentido de atrair os meninos índios para as aulas de religião era o oferecimento de aprendizado de canto com uso de instrumentos musicais europeus” (TINHORÃO, 2000, p. 26). Outra foi o teatro.

De acordo com fontes primárias, como as cartas dos primeiros jesuítas, viajantes e cronistas do Brasil colonial, o teatro foi introduzido concomitantemente à ocupação territorial patrocinada pela Coroa Portuguesa. Portanto, tal como na atividade educacional, os jesuítas foram pioneiros e exerceram o monopólio no âmbito das artes cênicas representadas nas terras brasílicas, pois somente na segunda metade do século XVII surgiu um cultor de teatro fora da Companhia. (FERREIRA Jr; BITTAR, 2004, p.179).

O'Malley (2004, p. 34) destaca que os jesuítas cultivaram o drama escolar “num nível especialmente alto por um longo período de tempo, numa vasta rede de colégios quase ao redor do mundo”. No Brasil, as encenações transcorriam em duas instâncias: nas aldeias e nos colégios, sendo que nestes com estilo “mais escolástico e grave” (LEITE, 1938, p. 599).

Somente autos eram representados nas aldeias, possivelmente porque a representação durava apenas um ato. Nos colégios, além de autos, havia comédias e tragédias. Entretanto, o objetivo era sempre moral. Os cenários, além de espaços dos colégios e aldeias podia ser também, a praça pública. Entretanto, os locais nas

aldeias eram os preferidos dos jesuítas (FERREIRA Jr; BITTAR 2004, p.179).

As peças escritas, muitas delas por Pe. Anchieta, e encenadas prestavam-se à instrução dos alunos e ao ensinamento dos dogmas católicos. Segundo Hansted (2012), "nos países europeus, que viviam o contexto da Contrarreforma Católica, as encenações nos colégios jesuítas eram realizadas especialmente em dias de festa, e tinham como principal objetivo manter os alunos atrelados à moral cristã." Essa prática se mantém, no território baiano, conforme as narrativas das cartas analisadas, como instrumento de catequização dos índios, e justifica a expansão da rede contando, inclusive, com subvenção da coroa portuguesa.

Kassab (2010) destaca que o teatro jesuítico, no Brasil, se configurava como a melhor possibilidade de atrair os povos nativos, cujos costumes tanto diferiam daqueles apresentados pelos colonizadores.

Através das cartas observa-se que as encenações incorporavam músicas, danças, instrumentos musicais, adereços e aspectos do cotidiano da vida dos nativos, indo ao encontro do que afirma Magaldi (2004), destaca que o objetivo dos jesuítas em utilizar linguagem artísticas era semear a fé e os mandamentos religiosos às pessoas presentes nas audiências, de forma mais amena e agradável, se contrapondo dessa forma a prelação seca dos sermões. Segundo a estudiosa, uma forma de aproximação entre as duas culturas muito diferentes.

Segundo Perrone e Cruz (1998), dos seis primeiros religiosos da Companhia de Jesus que chegaram ao Brasil chefiados pelo padre Manuel da Nóbrega, o Pe. João de Azpilcueta Navarro foi, historicamente, o primeiro a pregar no idioma brasílico e a colocar em "canto de órgão" (música polifônica) as cantigas pias dos índios. "Padre Navarro, como era conhecido, logo observou o interesse do indígena pela música e, com a finalidade de domesticar os nossos ancestrais, os jesuítas utilizavam música, conseguindo assim o salvo-conduto para as suas missões" (PERRONE e CRUZ, 1997, s/p).

Lembrando Afrânio Peixoto, Perrone, M. e Cruz (1998) diz que "este resumiu a ação jesuítas dizendo que eles ensinaram tudo: Educaram costumes, inteligências, sentidos, folguedos, canto, música, autos sagrados e profanos" (PERRONE e CRUZ, 1997, s/p).

Retornando as cartas de Antônio Pires, fica evidente que uma das primeiras atividades, de maior porte, a que ele se dedicou foi a construção de espaço, ainda que rudimentar, do que se tornaria, posteriormente, no Colégio da Bahia conforme explicita trecho da carta que se segue, enviada aos padres e irmãos da Companhia de Jesus em Coimbra, em 1551, a partir de Pernambuco, onde se encontrava acompanhando o Pe. da Nóbrega em visita a Capitania.

Na Bahia está principiada uma casa, em que se recolham e se ensinem as crianças dos gentis convertidos [recém-convertidos]. A qual se começou com alguns mestiços da terra e com alguns dos órfãos que de lá vieram no galeão. É coisa que fizemos por nossas mãos, embora seja pouca duração, e tomamos terra para manutenção das crianças, já começam os filhos dos gentis a fugir de seus pais e vir até nós, e, por mais que façam, não podem afastar da conversação com as outras crianças, tanto é que, à nossa partida da Bahia, chegou um escalavrado e sem comer um dia inteiro, fugindo de seu pai para nós (Carta do Ir. Antônio Pires 1551).

Observa-se pelas datas, que eles chegam à Bahia em 1549 e a carta datada de 1551 já se refere à construção do Colégio, o que demonstra a prioridade dada a questão. Segundo ainda o que escreve o jesuíta na carta, “Nesta terra [Bahia⁶], pela falta que há de oficiais, a necessidade nos faz aprender todos os ofícios, porque eu vos digo que pelos ofícios que nesta terra aprendi poderia já viver” (Carta do Pe. Antônio Pires, 1551). Segundo Hue (2006, p.44), “não raro, os padres da Companhia, pela falta de oficiais na terra, exerciam e aprendiam vários ofícios, como o de pedreiro, carpinteiro, tecelão, cozinheiro, sapateiro, cirurgião, médico, torneiro, entre outros”. E complementa: “Antônio Pires foi exímio carpinteiro, ofício que aprendeu no Brasil” (HUE, 2006, p.44). Tal explicação é importante, pois a partir desta iniciativa embrionária, outros colégios foram construídos em outros aldeamentos da província e, segundo Santos (2011), em 1554, ou seja, quatro anos após a elaboração da carta enviada pelo Ir Antônio Pires, o rei D. João III orienta Duarte da Costa, segundo governador-geral, apoiar a criação de um Colégio em Salvador, conforme o Colégio de Lisboa, que os jesuítas tinham em Santo Antão (SANTOS, 2011). Daí em diante, o Colégio da Bahia foi sendo ampliado e reestruturado. Em 1564, ou seja, dez anos após sua orientação ao novo governador,

o rei determina que seja dado um subsídio anual com o objetivo formar mais missionários para ampliar a atuação dos jesuítas no Brasil. (SANTOS, 2011) O que, sem dúvida, é um indicativo de que os jesuítas faziam progressos na colônia e que a Coroa estava satisfeita com a atuação deles. De onde pode-se deduzir que as iniciativas em curso postas em prática pela missão de Pe. Nóbrega estavam dando frutos e que a estratégia de utilizar a música, a dança e o teatro no processo na catequização estavam contribuindo para isso.

Outro trecho a destacar na carta de Ir. Antônio Pires, é o que faz referência a “cantares nessa língua”. Hue (2006) reforça o que vem sendo defendido no presente texto, ao afirmar que: “O canto foi uma das estratégias de evangelização dos índios implantadas pelo padre Manoel da Nóbrega” (HUE, 2006, p. 54). Como sustentação a sua afirmação, Hue (2006) cita um trecho da crônica intitulada de *Companhia de Jesus*, de Simão de Vasconcelos, na qual o autor afirma que Pe. Nóbrega ordenou que pusessem em solfa as orações e documentos mais necessários da Santa Fé, para que a suavidade do canto facilitasse a entrada das coisas do céu nas almas dos índios.

Cantam todos uma missa e cada dia ocupam de outras coisas semelhantes. Agora se ordenam cantares nessa língua, os quais cantam os mamelucos pelas aldeias, com os outros. E já teríamos a casa cheia se pudéssemos sustentar e se tivéssemos onde os recolher, e daqui a poucos meses haverá mantimentos para podermos tomar mais, e por isso mesmo repartimos alguns dos meninos órfãos pelas outras capitâneas. (Carta Ir. Antônio Pires, 1551).

O trecho da carta do Ir. Antônio Pires vem ao encontro do que afirma Perrone, M. e Cruz, S (1998), “os tupinambás treinados nas escolas de cantar, ler e contar já vinham dos aldeamentos para fazer música polifônica no Colégio de Salvador, sendo capazes de ler música e de tocar instrumentos diversos, além de cantar em solo ou em conjunto, misturando música vocal com instrumental”. O que reforça a ideia de que a inclusão da música como uma das estratégias do planejamento do processo ensino-aprendizagem funcionava, e facilitava a aprendizagem de uma segunda língua⁷ por parte dos índios, bem como, que a adoção de tal estratégia pode ter beneficiado a aquisição do bilinguismo por outros membros da comunidade local que

compartilhavam, à época, experiências semelhantes, fossem estas duradouras ou circunstanciais. Um exemplo disso é observado no trecho da carta em que o irmão Antônio Pires diz: "Trouxe as orações e os sermões escritos nesta língua, espero agora me exercitar com eles". (Carta Ir. Antônio Pires, 1551). Portanto, o exercitar a que se refere poderia incluir orações cantadas, o que seria o mais estimulante para a aprendizagem dele mesmo, devido a sua pouca idade.

Um reforço a afirmação imediatamente anterior, pode ser constatado através da carta de 5 de agosto de 1556, enviada pelo Pe. Francisco Pires, ao Pe. Pero Doménech, em Lisboa, na qual, em nome dos meninos órfãos do colégio da Bahia, se refere ao sucesso da catequese, e conta a procissão realizada em aldeia indígena, no dia do anjo Custódio, em que o alto da cruz exibia uma pintura do menino Jesus vestido de anjo e que aportava, em lugar da espada símbolo do poder, uma arma de ataque indígena, conforme trecho da carta onde se lê: "Assim fomos de cruz alçada pelas Aldeias cantando em cada uma delas o tocando ao modo dos negros[gentios] com sua própria música e cantares, com os versos substituídos por louvores a Deus". (Carta do Ir. Francisco Pires, 1556).

Ainda muito jovem ao chegar ao Brasil, o Irmão Antônio Pires ficou inicialmente responsável pelas atividades domésticas. Em seguida coordenou a construção do, inicialmente modesto, Colégio da Bahia e que, segundo o que afirma na carta, estava treinando para ser pregador e estudava a língua falada pelos gentis. Portanto, poderia estar a usar a mesma estratégia adotada para com os índios, de utilizar a música para facilitar o aprendizado do Português, no seu aprendizado da língua nativa. Estratégia reconhecidamente eficaz e ainda utilizada na atualidade. O domínio da língua geral o credenciaria a se tornar um intérprete, vindo a confirmar o que anunciou no início da correspondência: "Nesta terra [Bahia], pela falta que há de oficiais, a necessidade nos faz aprender todos os ofícios" (Carta do Ir. Francisco Pires, 1556).

Ao longo da carta, Antônio Pires ressalta o muito que está por fazer e, por mais de uma vez, exprime não compreender por que os irmãos, aos quais destina a carta, continuam em Portugal quando há tantas coisas a serem realizadas no Brasil e, portanto, necessitando da contribuição deles. Essas observações são importantes,

pois fornecem elementos para uma comparação com o cenário narrado por Fernão Cardim, nas cartas enviadas a Portugal cerca de trinta anos depois.

Conforme observado no explicitado nas cartas dos membros da primeira missão, apesar das dificuldades iniciais, um primitivo sistema educacional baiano começava a ser estruturado a partir do pioneirismo dos primeiros jesuítas que aqui chegaram.

Pe. Nóbrega falece em 1570 e uma nova missão é enviada ao Brasil, agora liderada pelo padre Cristóvão de Gouvêa, que parte de Portugal, na caravela nomeada de Chagas de São Francisco, em 1583, e na qual vinha, assim como na época de Pe. Nóbrega, um novo Governador da dita Capitania e de outras do Brasil, o recém-nomeado Manuel Teles Barreto, sexto governador e o primeiro depois da ocupação espanhola.

Da data da partida e enquanto duraram as primeiras visitas dos membros desta nova missão, uma reconstrução histórica do período pode contar com registros detalhados em duas cartas escritas por Fernão Cardim, membro da missão, sobre o observado e o vivido pelo grupo durante a viagem, como atesta trecho que se segue:

Nesta com o favor divino darei conta a Vossa Reverencia da nossa viagem e missão a esta provincia do Brasil, e determino contar todo o principal que nos tem succedido, não sómente na viagem, mas tambem em todo o tempo da visita, para que Vossa Reverencia tenha maior conhecimento das cousas desta provincia, e para maior consolação minha, porque em tudo desejo de communicar-me com Vossa Reverencia e mais padres e irmãos desta provincia.(Carta de Cardim, 1583).

Da mesma forma como realizado para a missão do Pe. Nóbrega, parte-se do desembarque da nova missão na Bahia, que só acontece dois meses após a partida de Portugal, para delinear e discutir as estratégias que continuam garantindo a expansão das ações educativas da Companhia na região e, conseqüentemente, a ampliação da estrutura e ações do Colégio Jesuíta da Bahia, a partir da análise das narrativas das novas correspondências colocadas em tela. Para tanto destaca-se:

Passada a equinocial entraram os ventos geraes, com que arribámos á Bahia de Todos os Santos, a 9 de Maio de 83. Gastámos na viagem,

com os dez dias de detença na ilha da Madeira, 66 dias.

[...] Convalescido o padre, começou visitar o Collegio, lendo-se primeiro a patente na primeira prática; nella, e em outras muitas que se fez, e mais colloquios familiares, consolou muito a todos. Ouviu as confissões geraes, renovaram-se os votos com devoção, e alegria; distribuiu a todos muitas reliquias, *Agnus Dei*. Relicarios, imagens, contas bentas; deram-se a todos as regras novas e se puzeram em execução as que ainda a não tinham, com que todos ficaram com a maior luz, renovando-se no espirito de nosso instituto. Era materia de grande consolação ver a alegria com que todos declaravam suas consciências ao padre, o fervor das penitencias, com outros exercicios de virtude, e humildade. Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guadamecins, paineis e varias sedas. O padre Manoel de Barros (VHI), lente do curso, teve uma eloquente oração. E os estudantes duas em prosa e verso: recitaram-se alguns epigramas, houve boa musica de vozes, cravo e descantes. O padre visitador lhes mandou dar a todos *Agnus Dei*, reliquias e contas bentas, de que ficaram agradecidos. Dahi a dous ou tres dias, vindo o Sr. governador á casa, os estudantes o receberam com a mesma festa, recitando-lhe muitos epigramas; o padre Manoel de Barros lhe teve uma oração cheia de muitos louvores, onde entraram todos os troncos e avoengos dos Munizes, com as mais maravilhas que têm feito nas Indias, de que ficou muito satisfeito. Trouxe o padre uma cabeça das Onze mil virgens, com outras reliquias engastadas, em um meio corpo de prata, peça rica e bem acabada. A cidade e os estudantes lhe fizeram um grave e alegre recebimento: trouxeram as santas reliquias da Sé ao Collegio em procissão solene, com frautas, boa musica de vozes e danças. A Sé que era um estudante ricamente vestido lhe fez uma falla de contentamento que tivera com a sua vinda; a cidade lhe entregou a chaves, as outras duas virgens, cujas as cabeças já cá tinham, á porta de nossa igreja; alguns anjos as acompanharam, porque tudo foi a modo do dialogo. Toda a festa causou grande alegria no povo, que concorreu quasi todo. (Carta de Cardim, 1583).

Na narrativa da visita do Pe. Gouvêa e, posteriormente, na narrativa da visita do governador, ao Colégio da Bahia, destaca-se os ritos dos eventos e, principalmente, a procissão, pois da forma como é relatada por Cardim, leva o leitor a fazer uma associação de ideias que o faz imaginar uma encenação móvel ao ar livre. Havia personagens que dialogavam, havia música, dança, público assistindo. Enfim, eventos festivos que ultrapassavam os ritos da liturgia da igreja católica e dos desfiles militares na forma como são conhecidos na atualidade.

Depois de fazer uma breve caracterização geral da Bahia, Cardim passa a

descrever o Colégio da Bahia e é interessante perceber as modificações que ocorreram a partir do início da construção coordenada pelo Ir. Antônio Pires cerca de trinta anos antes. O colégio descrito por Cardim possui uma estrutura arrojada, que demonstra certa imponência e transmite a ideia de que desfruta do reconhecimento por parte da sociedade local e internacional, principalmente da Corte Portuguesa.

Os padres têm aqui collegio novo quasi acabado; é uma quadra formosa com boa capella, livraria, e alguns trinta cubiculos, os mais delles têm as janellas para o mar. O edificio é todo de pedra e cal de ostra, que é tão boa como a de pedra de Portugal. Os cubiculos são grandes, os portaes de pedra, ás portas d'angelim, forradas de cedro; das janellas descobrimos grande parte da Bahia, e vemos os cardumes de peixes e balêas andar saltando n'agua, os navios estarem tão perto que quasi ficamá falla. A igreja é capaz, bem cheia de ricos ornamentos de damasco branco e roxo, veludo verde e carmesim, todos com tela d'ouro; tem uma cruz e thuribulo de prata, uma boa custodia para as endoenças muitos, muitos e devotos paineis da vida de Christo e todos os Apostolos. Todos os tres altares têm doceis, com suas cortinas da tafetá carmesim; têm uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota. A cerca é muito grande, bate o mar nella, por dentro se vão os padres embarcar, tem uma fonte perenne de boa agua com seu tanque, aonde se vão recrear; está cheia de arvores d'espinhos, parreiras de Portugal, as quaes se as podam a seu tempo, todo anno estão verdes, com uvas, ou maduras ou em agraço. A terra tem muitas fructas, sc. ananazes, pacobas, e todo o anno ha fructas nos refeitorios. O ananaz é fructa real, dá-se em umas pencas de cardos ou folhas d'ervas babosa, são da feição e tamanho da pinhas, todos cheios de olhos, os quaes dão umas formosissimas flores de varias côres: são de bom gosto, cheiram bem, para dôr de pedra são salutiferos: dellas fazem os indios vinho, e tem outras boas commodidades; a maior parte do anno os ha. Tem alguns coqueiros, e uma arvore que chamam cuieira que não dá mais do que cabaças, é freca e muito para ver. Legumes não faltam da terra e de Portugal; bringellas, alfaces, couves, aboboras, rabãos e outros legumes e hortaliças. Fóra de casa, tão longe como Villa Franca de Coimbra, tem um tanque mui formoso, em que andaré um bom navio; anda cheio de peixes: junto a elle ha muitos bosques e arvoredos mui frescos; alli se vão recrear os assuetos, e no tanque entram algumas ribeiras de bôa agua em grande quantidade. O Collegio tem tres mil cruzados de renda, e algumas terras aonde fazem os mantimentos; residem nelle de ordinarios sessenta; sustentam-se bem de mantimentos, carne e pescados da terra; nunca falta um copinho de vinho de Portugal, sem o qual se não sustenta bem a natureza por a tera ser

desleixada e os mantimentos fracos; vestem e calçam como em Portugal; estão bem empregados em uma lição de Theologia, outra de casos, um curso d'artes, duas classes de ler e escrever; confessam e prégam em nossa igreja.sé. Etc. Outros empregam-se na conversão dos indios, e todos procuram a perfeição com grande cuidado, e serve-se Nosso Senhor muito deste collegio, ao qual será honra e gloria. (Carta de Cardim, 1583).

Observa-se, pelo que é descrito na carta, que o Colégio Jesuíta da Bahia cresceu muito, tanto em área construída como em terras no entorno. Na parte construída observa-se a delimitação dos espaços de acordo com a funcionalidade. Como exemplo cita capela, livraria, etc. A carta faz referência, também a uma renda, ou seja, ingresso de recursos, e a produção de mantimentos.

No quadro a seguir apresenta o quantitativo de docentes do Colégio em 1584.

Quadro 1. Quantitativo de docentes em 1584

TOTAL DE JESUÍTAS	COLÉGIO DA BAHIA EM 1584
	TOTAL DE PESSOAS (Religiosos, estudantes e escravos): 64
	Nº DE PROFESSORES JESUÍTAS:
31	4 professores de 4 votos (Castidade; Pobreza; Obediência; e servir diretamente ao Papa). 5 mestres: 1 de Teologia de Consciência; 2 de Filosofia; 2 de Latinidade (Gramática) 1 mestre de bê á bá

Fonte: Anchieta,1933a, p. 395 *apud* FERREIRA JR; BITTAR, 2007, p.46)

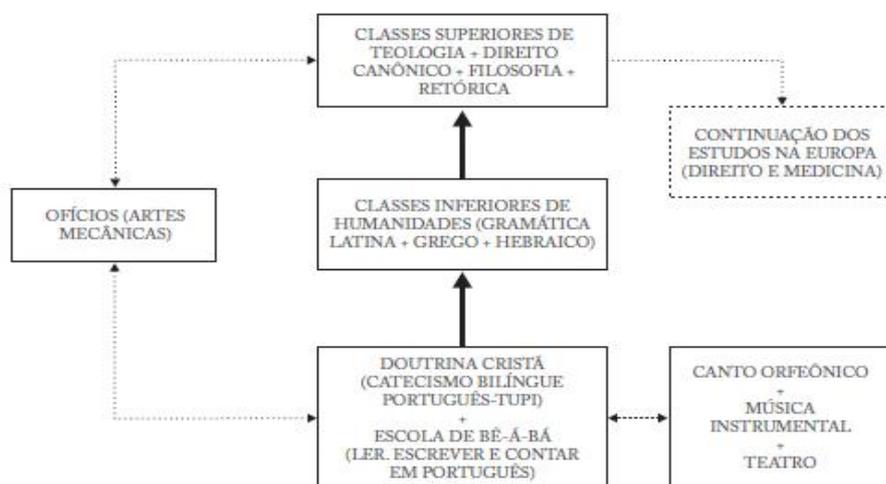
Segundo destaca Cunha (2007), em 1553 é inaugurado o curso de "Humanidades" e em 1572 "Artes e Teologia", o que contribui para uma ampliação no quantitativo de alunos matriculados que em 1589 já contabiliza um total de 216.

Enfim, uma estrutura de recursos físico e humano bem diferente da descrita por Antônio Pires, na carta escrita em 1551. O trecho descrito na carta sinaliza uma ampliação da estrutura e da ação jesuítica em Salvador, bem como uma integração na vida da cidade. A narrativa do evento, misto de desfile – procissão, coloca em

visibilidade uma ampla participação popular como espectador do evento, como, também, a permanência na utilização de estratégias de cunho artístico, cultivada a partir da missão de Pe. Nobrega.

Percebe-se que houve ampliação e modificação no funcionamento do Colégio. E que esse já se encontrava adequado a uma ampliação de um sistema educacional jesuítico que, gradativamente, foi sendo instalado e fortalecido no período do Brasil colônia, como atesta o fluxograma a seguir, que confirma a estrutura pedagógica com currículo bem mais complexo.

Figura 1. Fluxograma do Sistema Educacional Jesuítico



Fonte: FERREIRA JR; BITTAR (2004; 2007)

E para complementar, os próximos recortes retratam a situação do foco maior da ação jesuítica no Brasil acordada com a Coroa Portuguesa e que justifica parte do apoio financeiro que os jesuítas receberam de Portugal, ou seja, os povos nativos - os índios. E estes, na sua grande maioria, não viviam nas cidades, mas sim nos aldeamentos e alguns, em fazendas, distantes de São Salvador.

Inicialmente Cardim narra as dificuldades e facilidades encontradas no deslocamento para uma das aldeias. No caso da Espírito Santo, hoje um bairro do município de Lauro de Freitas, região metropolitana de Salvador e nomeado de Abrantes para, posteriormente, narrar o que acontece na aldeia a partir da chegada

da missão. É interessante perceber na narrativa do mesmo, que a recepção se inicia com música. Fato que continua a reforçar a ideia sobre a relevância da música no projeto pedagógico dos jesuítas que atuaram nesse período com ações educativas e, conseqüentemente, uma estratégia pedagógica que contribuiu para o apoio ao processo de expansão do sistema educacional jesuítico no Brasil.

Chegando o padre á terra começaram os frautistas tocar com muita festa. O que tambem fizeram em quanto jantámos debaixo de um arvoredos de aroeira mui altas. Os meninos indios, escondidos em um freco bosque, cantavam varias cantigas devotas enquanto comemos, que causavam devoção. No meio daquelles matos, pricipalmente uma pastoril feita de[ilegivel} para o recebimento do padre visitador seu novo pastor. Chegámos á aldêa á tarde; antes della umbom quarto de legua, começaram as festas que os indios tinham aparelhadas as quaes fizeram em uma rua de altissimos e frescos arvoredos. Dos quaes saiam uns cantando e tangendo a seu modo, outros em ciladas saiam com grande grita e urros, que nosatroavam e faziam estremecer. Os curumis sc. meninos. Com muitos môlhos de frechas levantadas para cima. Faziam seu motim de guerra e davam sua grita. E pintados de várias cores. Nusinhos, vinham com as mãos levantadas receber a benção do padre, dizendo em portuguez. "louvado seja Jesus Christo". Outros sairam com uma dança d'escudos á portugueza, fazendo muitos trocados e dançando ao som da viola, pandeiro e tamboril e frauta. E juntamente representavam um breve dialogo. Cantando algumas cantigas pastoris. Tudo causava devoção debaixo de taes bosques, em terras estranhas, e muito mais por não se esperarem taes festas de gente tão barbara. Nem faltou um Anhangá sc. diabo. Que saiu do mato: este ara o indio Ambrosio Pires, que a Lisbôa foi com o padre Rodrigo de Freitas. A esta figura fazem os indios uma festa por causa da sua formosura, gatimanhos e trejeitos que faz: em todas as suas festas mettem algum diabo, para ser delles bem celebrada. Estas festas acabadas, os indios Murubixaba, sc.pricipaes, deram o Erciupe ao padre, que quer dizer *Vieste?* E beijando-lhe a mão recebiam a benção. As mulheres núas (cousa para nós mui nova) com as mãos levantadas ao Céu, tambem davam seu Erciupe. Dizendo em portuguez. "louvado seja Jesus Christo". Assim de toda a aldêa fomos levado sem em procissão á igreja com danças e boa musica de frauta, com Te Deum laudamus. Feita oração lhes mandou o padre fazer uma falla na língua. De que ficaram muito consolados e satisfeitos: aquella noite os indios pricipaes, grandes línguas, pré-gavam da vinda do padre a seu modo, que é da maneira seguinte: começavam prégar de madrugada deitados na rêde por espaço de meia hora, depois se alevantam. E correm toda a aldêa pé ante pé muito devagar, e o prégar tambem é pausado, freimatico. E vagaroso; repetem muitas vezes as palavras por gravidade, contam nestas prégações todos os trabalhos, tempestades, perigos de morte que o padre padeceria, vindo de tão

longe para os visitar, e consolar, e juntamente os incitam a louvar a Deus pela mercê recebida, e que tragam seus presentes ao padre, em agradecimento. Era para os ver vir com suas cousas. sc. patos, gallinhas, leitões, farinha, beijús com algumas raizes, e legumes da terra. Quando dão essas cousas commumente não dizem nada, mas botando-as aos pés do padre se tornam logo. Foi o padre delles visitado muitas vezes, agradecendo-lhes a caridade. O padre lhes dava das cousas de Portugal, como facas, tesouras, pentes, fitas, gualteiras, Agnus Dei em nominas de seda; mas o com que mais. Folgavam era com uma vez de cogui-été. sc vinho de Portugal. Ao dia seguinte, dia de visitação de Santa Isabel, (3 de Julho). Precedendo as visitas gerais. Renovaram os padres e irmãos das aldêas seus votos. Para que estavam todos alli juntos. E o padre visitador disse missa cantada com diacono. E sub-diacono, officada em canto d'órgão pelos indios, com suas frautas. Dali fomos a aldêa de São João. Duas leguas desta. Onde houve semelhantes recebimentos e festas. Com muita consolação dos indios e nossa. (Carta de Cardim, 1583).

Depois de três meses de visita após a data da chegada, a missão composta por ele, pelo padre visitador, o padre provincial, o padre Rodrigo de Freitas, os irmãos Francisco Dias e Barnabé Tello, bem como outros padres e irmãos, segundo narra Fernão Cardim, partem para Pernambuco, mas devido a ventos contrários retornam para as terras da Bahia. Tornam a partir no dia seguinte, mas os mesmos ventos o levam desta vez para a região de Camamu, onde o Colégio da Bahia tinha uma grande extensão de terras de boa qualidade, mas que segundo o próprio Cardim estarem posem ser cultivadas em decorrência da proximidade com os Guaimúres e destacando serem estes "gentios silvestres, tão barbaros que vivem como brutos animaes nos matos, sem povoação, nem casas" (Carta de Cardim, 1583).

Na carta Cardim, ao tempo que informa que as terras de Camamu foram doadas pelo governador Mem de Sá ao Colégio, faz referência a abundância de frutos do mar da região e a qualidades das terras, exemplificando que "se as terras fossem ocupadas poderiam sustentar todos os colégios da província e ainda fazer algumas caridades". (Carta de Cardim, 1583). Segundo ele poderiam, também, maximizar uma produção de açúcar, para em seguida lamentar terra o fato de como está, render pouco ou quase nada.

De Camamu eles tentam novamente seguir viagem, mas desta vez vão parar

na *Capitania dos Ilhéos* onde possuem casa de bom porte, conforme a narrativa da carta.

[...] Os Ilhéos distam da Bahia 30 leguas: é capitania do senhorio. sc. de Francisco Giraldes: é villa intitulada de S. Jorge: terá 50 vizinhos com seu vigario: tem tres engenhos de assucar: é terra abastada de mantimentos, criações de vaccas, porcos, gallinhas, e de algodões: não tem aldêas de indios, estão muito apartadas dos Guaimurés. E com elles em continua guerra: não se estendem pelo sertão adentro mais de meia até uma legua, e pela costa, de cada parte, duas ou tres leguas.

Os nossos têm aqui casa, aonde residem de ordinario seis: tem quatro cubiculos de sobrado bem acomodado, igreja e officinas: está situada em lugar alto sobre o mar: tem sua cerca aprasivel, com coqueiros, laranjeiras. E outras arvores de espinho e fructas da terra: as arvores de espinho são nesta terra tantas que os matos estão cheios de laranjeiras e limoeiros de toda sorte. E por mais que cortam não ha desinça-los. (Carta de Cardim, 1583).

Uma nova tentativa de partida para Pernambuco foi feita, mas desta vez a comitiva foi parar em Porto Seguro. Fernão Cardim comenta, de certa forma satisfeito: “ E ainda que eram arribadas, tudo caía em proveito, porque visitava o padre do caminho estas casas, e o tempo contrário dava lugar para tudo” (Carta de Cardim, 1583). Para a pesquisa que fundamenta a presente artigo, os ventos contrários apontados na narrativa possibilitaram a visualização do alcance das ações jesuíticas no atual território baiano, ao longo do período que separa a descrição das cartas da missão chefiada pelo Pe. Nóbrega e a descrição das cartas de Fernão Cardim, referente a missão chefiada pelo Pe. Cristóvão de Gouvêa. E é interessante perceber que a música, o teatro e a dança, continuam sendo registrados, cerca de trinta anos depois das primeiras cartas enviadas para Portugal.

Cabe destacar, conforme afirma Cardim, que “dos primeiros que vieram com o padre Manuel da Nóbrega, elle [Jorge Rijo] só é vivo” (Carta de Cardim, 1583), ou seja, o Pe. Nóbrega faleceu em 1570, as cartas de Cardim aqui analisadas, são escritas cerca de quinze anos depois e nesse período apenas um jesuíta da missão do Pe. Nóbrega estava vivo. Esse dado é importante, pois segundo Zotti (2004), o período da educação jesuítica que compreende a chegada da primeira missão à região da atual Bahia, chefiada por Pe. Nóbrega até a sua morte, também conhecido

como “tempos heroicos” (1549-1570), abriga características bem peculiares que ainda se mantém por mais alguns anos, mas que acabaram sendo totalmente substituídas devido a uma nova orientação dos jesuítas da metrópole. A educação cristã que caracterizou a educação jesuítica subdividiu-se em dois períodos, a saber:

[...] o primeiro idealizado por Nóbrega, com espírito democrático, cristão, universalizador e brasileiro, estendendo-se até cerca de 1580, e o segundo período, vivificado por uma filosofia da educação, derivada de autoridades jesuíticas da Metrópole e segregadora do índio e do pobre, contrária à educação de Nóbrega e dos primeiros jesuítas, mas triunfante depois da morte de Nóbrega, ocorrida em 1570 (TOBIAS, 1987, p. 25 *apud* ZOTTI, 2004, p. 121).

Nas cartas de Fernão Cardim percebe-se o quanto a Ordem cresceu em estrutura física e humana, como já referido anteriormente, mas, também, em alcance na catequese. Percebe-se, entretanto também, a penetração e respeitabilidade que a Ordem foi adquirindo junto a elite local, como pode ser observado no relato de Porto Seguro onde foram recebidos por um irmão, “porque os outros três estavam na aldêa de S. Matheus com o Sr. Administrador que tinham ido á festa” (Carta de Cardim, 1583) informar que de lá partiriam imediatamente para a mesma aldeia, para visitar os índios que lá moravam, conforme o trecho da carta que se segue:

Chegámos á aldêa, que dista cinco leguas da villa, por caminho de uma alegre praia. Foi o padre recebido dos indios com uma dança mui graciosa de meninos todos empennados, com seus diademas na cabeça. E outros atavios das mesmas pennas, que os fazia mui lustrosos, e faziam suas mudanças, e invenções mui graciosas: dalli tornámos á villa, e vindo encalmados por uma praia, eis que desce de um alto monte uma india vestida como ellas costumam, com uma porcelana da India, cheia de queijadinhas d'assucar, com um grande pucaro d'agua fria; dizendo que aquillo mandava seu senhor ao padre provincial Joseph. (Carta de Cardim, 1583).

Segundo Cardim, a comitiva visitou a casa, ouvindo as confissões e deixando as recomendações necessárias e em seguida partiu para outra aldeia. De Porto Seguro visitaram a vila de Santa Cruz, localizada a quatro léguas de distância e de lá partiram, mas depois de sessenta léguas percorridas e muita calmaria, estavam de

volta a Capitania da Bahia e já determinados a não ir mais, até o final do ano em curso, para Pernambuco, pois já se aproximava o *tempo da congregação* referindo-se de na data de 8 de dezembro, começariam os eventos (CARDIM, 1583). Hoje, esta data é integrante do calendário de festas da cidade do Salvador, como o dia da Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Bahia.

Considerações finais

A arrematação do Colégio da Bahia e demais bens dos jesuítas na região, no período da expulsão destes do Brasil, em pleno século XVII, possibilita uma visão da grandiosidade da obra construída pelos jesuítas em termos de bens materiais.

No inventário realizado após a expulsão, ficou registrado que os jesuítas da Província Portuguesa que aqui chegaram possuíam 184 casas localizadas em São Salvador; 58 sítios de arrendamento na cidade e seus subúrbios; cinco outros sítios de uso da própria ordem; um suntuoso sobrado onde eram ministrados os exercícios espirituais e um cais conhecido como dos padres, além de outros bens em outras regiões da província. (SANTOS, 2008).

Com valor estimado em 36 contos de réis e considerado uma das propriedades mais valiosas, o cais consistia em uma área retangular e media 491 palmos de comprimento e trezentos de largura, localizado na parte alta da cidade, em área administrativa que passou a ser chamada de *Terreiro de Jesus*, por causa da Igreja e Colégio dos Jesuítas, mas que além do colégio, contava com igrejas e residências (SANTOS, 2008). Este guindaste, montado por iniciativa dos jesuítas no século XVII, funcionava como uma ligação da parte alta e baixa para transporte de mercadorias, pois o terreno apresentava um declive acentuado, ficou conhecido como *Guindaste dos Padre* e que em 1889 foi transformado em um *Plano Inclinado e meio* de transporte de passageiros entre a cidade baixa e alta, que utilizou, inicialmente, alavancas com cabos, mas que, posteriormente, foi eletrificado.

Conforme documento de 1763, a arrematante da maior parte dos bens dos jesuítas expulsos foi a Irmandade da Misericórdia, que adquiriu no mesmo lote do guindaste, as casas construídas no local, todas de taipa de mão, avaliadas em

7.675.000 réis, com rendimento estimado em 930.080 réis. Conforme previsto no edital de arrematação datado de 12 de outubro de 1761, por um valor total 44.800.000 réis e que ultrapassou o valor de avaliação que, na época, foi de 43.675.000 réis (SANTOS, 2008).

Na atualidade a nova estrutura que substituiu o guindaste instalado pelos jesuítas encontra-se nomeada de Plano Inclinado Gonçalves e a rua da parte baixa da cidade e que dá acesso ao mesmo, de rua Guindaste dos Padres.

Dito isto e com o objetivo de complementar o exposto dos recortes narrativos e análises dos mesmos a luz de contribuições teóricas de estudiosos da temática, finalizamos acreditando que o artigo em tela possa contribuir para com o fortalecimento da História da Educação na Bahia, ao focar a pesquisa documental em uma Instituição ícone, criada no período colonial, ou seja, no período mais longo em que a educação brasileira se manteve sob uma única orientação, que foi a traçada pela Companhia de Jesus e materializada por ações dos jesuítas que aqui foram aportando em missões, mas, principalmente, por evidenciar aspectos estruturais da gênese do processo educacional formal baiano.

Referências

CUNHA, L. A. C. R. **A Universidade Temporã: O Ensino Superior, da Colônia à Era Vargas**. 3. ed. [revista]. São Paulo: UNESP, 2007.

FERREIRA Jr., Amarílio; BITTAR, Marisa. **Pluralidade linguística: escola de bê-á-bá e teatro jesuítico no Brasil do século XVI**. Educ. Soc., Campinas, vol. 25, n. 86, p. 171-195, abril 2004.

FERREIRA Jr., Amarílio. **Educação Jesuítica no Mundo Colonial Ibérico (1549-1768)**. Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 78, p. 1-172, dez. 2007.

FERREIRA Jr., Amarílio; BITTAR, Marisa. Artes liberais e ofícios mecânicos nos colégios jesuíticos do Brasil colonial. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

HUE, Sheila Moura. Introdução. In: **Primeiras cartas do Brasil: 1551-1555**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

KASSAB, Yara. As estratégias lúcidas nas ações jesuíticas, nas terras brasílicas (1549-1597), “para a maior glória de Deus”. 241p. Tese (Doutorado) – Faculdade de

- Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- LEITE, Serafim S. J. Cantos, músicas e danças nas aldeias do Brasil (séc. XVI). **Revista Brotéria**, Lisboa, v. 24, p. 42-52, 1937.
- LEITE, S. **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil (1538-1553)**. Coimbra: Tip. da Atlântida, 1956. v. 1, 577p.
- MAGALDI, Sábado. **Panorama do teatro brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Global, 2004.
- MAIA, Pe Pedro Américo. **História das Congregações Marianas no Brasil**. Edições Loyola. São Paulo, 1992. 161p.
- NÓBREGA, Manuel. **Cartas do Brasil (1549-1560)**. Rio de Janeiro: Officina Industrial Graphica, 1931.
- O'MALLEY, J. W. **Os primeiros jesuítas**. Tradução de Domingos Armando Donida. São Leopoldo: Editora Unisinos; Bauru: EDUSC, 2004.
- PERRONE, M. e CRUZ, S. A Música em Salvador: **Um Breve Percurso Histórico (dos jesuítas até 1897) Um Século de Tradição Musical na Bahia**. Salvador: Grafufba, 1997. Disponível em: [A Música em Salvador: Um Breve Percurso Histórico \(hugoribeiro.com.br\)](http://hugoribeiro.com.br) . Acesso em dezembro 2020.
- RIBEIRO, Núbia Braga. Catequese e civilização dos índios nos sertões do império português no século XVIII. **História** [online]. vol.28, n.1, pp. 321-345, 2009.
- THEOBALDO, Carlos Eduardo. A contribuição do jesuítica na implantação do português do Brasil. **Revista do Espaço Acadêmico**, n.87, pp. 30-35, 2008.
- SANTOS, Fabricio Lyrio. Aldeamentos jesuítas e política colônia na Bahia, século XVIII. **Revista de História**, n 156, junho, 2007, pp. 107-128. Universidade federal de São Paulo, 2007.
- TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. São Paulo: 34, 2000.
- ZOTTI, S. A. **Sociedade de educação e currículo no Brasil: dos Jesuítas aos anos de 1980**. Campinas-SP: Autores Associados, Brasília – DF, Ed. Plano, 2004.

¹ Doutorada em Ciências de La Educación pela Universidade Católica de Córdoba – Argentina. Professora Aposentada da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. E-mail: jacimnz@hotmail.com Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-9889-4257>.

² Doutora em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia – Campus I. E-mail: lbritto@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5237-5507>.

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Memória da Educação na Bahia. Bolsista - CAPES. E-mail: ednasantos1989@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7536-4245>.

⁴ NEVES, Luis Felipe Baêta. O Combate dos soldados de Cristo na terra dos papagaios. Rio de Janeiro : Forense-Universitária, 1978, p. 1.

⁵ Segundo Dicionário Michelis, que, ou quem segue o paganismo; que, ou o que não é civilizado.

⁶ Complemento nosso

⁷ (...) Admitindo a afinidade troncal tupi-guarani, cada indivíduo de cada tribo continuava com sua língua para fins intratribais. Mas, para fins extratribais e intertribais – poderosamente estimulados pela subversão trazida pelo conquistador –, recorria à língua geral, que lhe era afim, com o que se fazia bilíngüe na mesma, digamos, estrutura linguageira. (HOUAISS, 1992, p.80).



<http://orcid.org/0000-0001-9889-4257>



<http://lattes.cnpq.br/0296701151804947>



<https://orcid.org/0000-0001-5237-5507>



<http://lattes.cnpq.br/0212022820157699>



<http://orcid.org/0000-0001-7536-4245>



<http://lattes.cnpq.br/8203184760561184>

Como citar:

MENEZES, Jaci Maria Ferraz de; BRITTO, Lívia Maria Góes de; SANTOS, Edna Pinheiro. Apontamentos do colégio jesuíta da Bahia e contextos socioculturais do entorno regional em cartas “ânuas” do período colonial. *Perspectivas e Diálogos: Revista de História Social e Práticas de Ensino*, Caetité, BA, v. 1, n. 7, p. 179-206, jan./jun. 2021.